



EDUCAÇÃO FÍSICA E CORPO FEMININO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA FOUCAULTIANA¹

Alexandre Vanzuita
Laura Borges Foscarini

RESUMO

Este artigo apresenta a investigação na qual buscamos compreender como as acadêmicas em fase de conclusão da graduação em Educação Física da UNIPLAC percebem a relação de seu corpo na área de atuação profissional. A fundamentação teórica está embasada em Michel Foucault, procurando relacionar o pensamento do autor sobre a existência de relações de poder nas esferas da vida social com o corpo na Educação Física. Para a coleta de dados foi aplicado questionário, utilizando a análise de conteúdo para a discussão dos resultados. Observou-se a influência do pensamento cartesiano na concepção que se tem da Educação Física, apontando para certa desvalorização das questões corporais.

PALAVRAS-CHAVE: *Corpo; educação física; poder; atuação profissional.*

INTRODUÇÃO

Na civilização ocidental, o século XX ficou conhecido como “o século do corpo”. Essa expressão pode ser vista em duas dimensões: pela importância que o corpo assume enquanto objeto de estudo e pela assunção da consciência da importância dos valores e práticas corporais (STOER, 2004).

Segundo Le Breton (*apud* SANT’ANNA 1995, p. 65) “pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo”. Dessa forma, a partir de reflexões sobre as questões corporais, abrem-se possibilidades de rever os conceitos de compreensão das relações humanas e de se ter outros olhares sobre uma humanidade que está em constante transformação.

Com base na fala destes autores, acreditamos que as reflexões sobre o corpo vêm tomando novos espaços e possibilidades de análise na modernidade, procurando avançar na sua compreensão. Assim, nos propomos a investigar e contribuir com esta temática, nos aproximando da Educação Física. Nesta área acadêmica pesquisadores têm contribuído com a produção do conhecimento sobre as questões corporais, em diversos eixos de discussão, quer seja em relação a aspectos históricos (SOARES, 2001; SANT’ANNA, 1995), à

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para a sua realização.

mercadorização do corpo (SILVA, 2001; SILVA, 2009; HANSEN; VAZ, 2004; FERREIRA; CASTRO; GOMES, 2005) ou no âmbito escolar (CASTELLANI FILHO, 2003; KUNZ, 1998; TAFFAREL, 2003; GHIRALDELLI JÚNIOR, 1994).

Procurando esclarecer os motivos do interesse por este foco de investigação, utilizamos as palavras de Marques (2003, p. 92):

Estabelecer um tema de pesquisa é, assim, demarcar um campo específico de desejos e esforços por conhecer [...]. Deve-se ele tornar paixão, desejo trabalhado, construído pelo próprio pesquisador. Muito menos podemos de fato querer o que não tem ligação com nossa própria vida, o que nela não se enraíza.

Delimitamos como objetivo deste trabalho à investigação sobre a percepção das acadêmicas em fase de conclusão do curso em Educação Física da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC buscando fazer a relação de seu corpo com a área de atuação profissional.

Isso implica entender e pensar na e sobre a nossa história, no que fizeram com os nossos corpos, implica, sobretudo, pensarmos no que nós fazemos ou estamos fazendo com essa história que recebemos e vivenciamos (MEYER; SOARES, 2004). Nosso interesse se dá pelo público feminino porque através de alguns autores (BRUNHS, 1994; SILVA; DAMIANI, 2005) percebemos uma maior cobrança por parte da sociedade civil em relação ao corpo da mulher.

A fundamentação teórica desta pesquisa está embasada em Michel Foucault (1926-1984). Graduado em filosofia e psicologia, desenvolveu estudos sobre a loucura, a sexualidade e a prisão, dentre inúmeras outras publicações. O que se torna importante sobre o pensamento de Foucault para esta pesquisa, diz respeito ao que ele produziu sobre as relações de poder existentes nas intuições modernas, como a escola e a igreja, e como isso se insere no corpo.

Desta forma, as análises de Foucault se fazem importantes e se tornam próximas desta pesquisa, visando contribuir para reflexão sobre o corpo, pensando como a sociedade constrói conceitos e preconceitos acerca deste tema, tornando-o, muitas vezes, submisso, outras vezes anarquista, numa constante contradição de ideias e teses.

Utilizamos como referência principal para a discussão dos resultados a Análise de Conteúdo, que segundo Bardin (2002) permite ao pesquisador compreender os fatos de maneira que a descrição não se esgote na descrição dos conteúdos, buscando estabelecer

relações entre o contexto e um fenômeno social mais amplo. Desta forma, caracteriza-se por ser “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2002, p. 38).

Procuramos com esta pesquisa buscar respostas para alguns questionamentos que emergem quando pensamos sobre o corpo da professora de Educação Física, recorrendo aos seguintes objetivos específicos: identificar a ocorrência de situações que demonstrem alguma forma de preconceito em relação à escolha profissional; discutir a existência de cobranças por parte da sociedade civil quanto a forma física das professoras; identificar se existe correlação na questão da condição física das acadêmicas com a ideia de competência profissional em sua área de atuação.

Para a coleta de dados, optamos pela aplicação de questionário, que segundo Lakatos e Markoni (2001) caracteriza-se por ser uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito pelo informante e sem a presença do entrevistador, e juntamente com o material, deve ser enviada uma nota ou carta explicando a importância e a necessidade de se obter respostas para a pesquisa, buscando despertar o interesse do receptor. Assim, entregamos com o questionário, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que aponta os objetivos do estudo, bem como sua importância para a comunidade acadêmica, além de garantir o sigilo dos participantes.

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira composta de questões fechadas, que foram utilizadas para identificar o perfil das acadêmicas (idade, formação e atuação profissional). Na segunda parte, as questões abertas foram utilizadas para permitir a expressão da opinião dos sujeitos sobre a temática de forma que venham a enriquecer e contribuir com a discussão, assim como corrobora Lakatos e Marconi (2001), quando sugerem que esse tipo de pergunta permite investigações com maior profundidade e precisão.

O questionário foi entregue para 16 acadêmicas do oitavo semestre da turma 2010/2, sendo que 8 delas entregaram o material respondido dentro do prazo solicitado. O critério de escolha das entrevistadas foi pela “amostragem não-probabilística” significando que “[...] eles atendem satisfatoriamente aos objetivos de amostragem” pelo método de “conveniência”, pois “o pesquisador [...] têm liberdade para escolher aleatoriamente os entrevistados” (COOPER; SCHINDLER, 2003, p. 167-169).

No primeiro momento desta pesquisa, explanamos brevemente o conceito de poder para Foucault. A partir disso, buscamos realizar algumas aproximações com a Educação Física no sentido de compreender as relações de poder se fazem presentes nesta área. No item

análise e discussão dos dados, procuramos identificar através das falas das acadêmicas as questões pertinentes de investigação, discutindo aspectos relacionados ao corpo e Educação Física.

EDUCAÇÃO FÍSICA E MICHEL FOUCAULT: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

A Educação Física veio atender a demanda de organização dos corpos, de purificação das populações e melhoria da mão de obra. Em uma sociedade capitalista, que passa a valorizar o ser humano de uma nova forma produtiva, a educação do corpo faz-se fundamental para as aspirações desse sistema, uma vez que a força de trabalho torna-se a base da economia. Assim, desde seu surgimento, esta área de conhecimento teve como um de seus objetivos a descoberta do funcionamento do organismo, a melhor forma de utilização das energias e as maneiras de tornar o corpo mais saudável, utilizando de técnicas para medir, pesar, avaliar, quantificar. Desta forma, justificou sua presença na escola e na sociedade a partir da ciência e da sua capacidade de ajudar na melhoria da saúde individual e coletiva (LIMA; DINIS, 2007).

Debruçamo-nos nas contribuições de Foucault, em suas análises sobre o poder e disciplinas exercidas sobre o corpo, para analisar como isso influencia a área da Educação Física.

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica (FOUCAULT, 1987, p. 28).

O que percebemos é que o corpo é o alvo do investimento de poder, para que ele seja educado de maneira de atendam padrões de comportamento social, que abrange desde o simples ato de permanecer calado em sala, como utilizar o dispêndio energético da melhor forma possível, ganhando em produtividade. Assim, na Educação Física, mais do que em qualquer outro componente curricular, tem o corpo como objeto de intervenção direta, o indivíduo se vê exposto, controlado em seus gestos e avaliado de acordo com suas capacidades físicas. O corpo é o alvo primeiro da intervenção disciplinar (LIMA; DINIS, 2007).

Para entender as formas como esse domínio ocorre, devemos observar na teoria de

Foucault o que ele entende por poder. Este pensador não desenvolve um estudo sobre o poder como sendo uma força unilateral e global que é exercida sobre os homens, mas que se manifestam de maneira não linear, que estão em processo de transformação.

O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, construída historicamente. [...] o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade que se possui ou não. Não existe de um lado os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijadas. Rigorosamente falando o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona [...] (FOUCAULT, 1995, p. X; XIV).

Desta forma, quando falamos em poder, não estamos nos referindo a uma força concreta, que está situada em uma parte ou outra da sociedade, onde alguns o possuem e outros não, mas de algo que permeia as relações sociais. Ninguém estaria livre de estar vinculado aos mecanismos de poder, pois eles estão em todas as esferas sociais e, além disso, ele não é de todo repressivo e punitivo, seria frágil demais se assim o fosse. Segundo Foucault (1987, p.172) “temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele exclui, reprime, recalca, censura, abstrai, mascara, esconde”. Neste sentido, buscando explicar a permanência do poder nas relações, Foucault (1995, p. 148- 149) afirma que:

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do relacionamento, à maneira de uma grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um saber sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico.

Desta forma a produção do saber passa a estar diretamente relacionada ao poder. O homem passa a ser objeto do saber, na medida em que tem seu corpo e comportamentos adestrados e avaliados, buscando atingir padrões que possibilitem a vida em sociedade. Por outro lado, é ele quem produz o saber, tornando possível o surgimento das ciências, onde “[...] todo saber constitui novas relações de poder. Todo poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber” (FOUCAULT, 1995, p. XXI).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: DANDO VOZ ÀS ACADÊMICAS

Em relação às questões fechadas do questionário (idade, formação e atuação profissional), constatou-se que a idade das acadêmicas variam de 20 a 45 anos, sendo que cinco das participantes tem entre 20 e 23 anos, e três delas, tem entre 30 e 45 anos. Sobre a formação acadêmica, apenas uma é graduada em outra área (concluiu Pedagogia em 2005). Esta mesma acadêmica é a única que atua profissionalmente, tendo iniciado a carreira em 1992, e atualmente trabalha como pedagoga e treinadora de voleibol.

Dando continuidade à análise do material coletado, nos remeteremos à discussão das respostas obtidas nas questões abertas.

Na questão 04 (Quando optou por cursar Educação Física, percebeu alguma forma de preconceito ou ouviu algum comentário que desqualificasse a profissão por estar diretamente ligada às questões corporais, quer seja na família, universidade ou local de trabalho? Comente.), procuramos identificar se as acadêmicas vivenciaram alguma situação onde o descrédito pela Educação Física tenha sido verbalizado. Obtivemos os seguintes resultados: três delas afirmaram não ter sentido nenhum tipo de preconceito em relação à sua área de formação; e cinco responderam que isso ocorre.

Uma das respostas foi mencionada a influência do pensamento cartesiano na concepção que se tem sobre a área acadêmica pesquisada:

Sim, em todos os locais citados na pergunta, há muitos preconceitos com a profissão, o dualismo (corpo x mente) ainda persiste em nossa sociedade, considerando a Educação Física uma profissão que trabalha somente com o corpo, e que não requer atividades intelectuais (Acadêmica 2).

Diante desta afirmação, nos remetemos aos apontamentos de Moreira (2003), sugerindo que na sociedade moderna, o corpo está separado da cabeça (que é a matriz pensante), pois é ali o lugar que saem os raciocínios que justificam porque existimos. O pensar vem em primeiro lugar, estando o fazer atrelado à ele.

Neste sentido, no relato de uma acadêmica surge a ideia de certa desqualificação intelectual pela área da Educação Física como opção profissional a ser seguida, cujo alguns comentários como: “*vai fazer este curso por que é ‘mais fácil’ [...]*” (Acadêmica 5), acabam dando continuidade a uma visão limitada e fragmentada dessa área de conhecimento.

O preconceito existe, ele é visível e sentido durante todo o tempo. Penso que isto vem ocorrendo devido à desvalorização da profissão enquanto profissional da educação. Não sei se este preconceito esta relacionado às

questões corporais, mas sim na maneira como os profissionais vem atuando historicamente na escola. A função de professor de educação física é interpretada como uma profissão que qualquer um pode desenvolver, porque muitos deles só se dão ao trabalho de entregar a bola para seus alunos. Neste caso as pessoas ficam admiradas por você precisar estudar, para dar aulas de educação física. [...] Os preconceitos variam em frases como estas: Nossa! Precisa de 4 anos para se formar em Educação Física? Educação Física estuda fisiologia? Você vai querer trabalhar na escola? Pense bem! Os acadêmicos da educação física passam o curso todo jogando bola. Todo professor de educação física é hábil nos esportes! Precisa de 4 anos para ensinar a brincar? (Acadêmica 6)

É interessante observar que nesta fala emerge novamente a questão do desconhecimento por parte de uma parcela da sociedade sobre a importância do processo de formação do professor de Educação Física. Ao contrário do que pode se pensar, não é qualquer um que pode “dar aula”. Assim como não vemos “qualquer um” fazendo cirurgias ou planejando edifícios, não deveríamos nos acostumar com professores de outras áreas ocupando este espaço. Segundo Borraigne (2010, p. 1):

[...] a visão de muitas pessoas, com relação à área, ainda é a de classificá-la como “disciplina de improvisos”; ou seja, oferecida para oportunizar momentos de recreação, desenvolver o esporte; fabricar corpos esbeltos; proporcionar treinamento de alto rendimento possibilitando selecionar alunos/atletas que representem a instituição em campeonatos; promover eventos e, principalmente, apenas compensar a rotina escolar. O professor de Educação Física também sofre, já que ainda se acredita que ele deve ser um atleta que domina todas as habilidades de todas as modalidades esportivas ou, pior ainda, o classifica como aquele que dá aula de “jogar bola” e nada mais.

Os currículos das faculdades de Educação Física estão estruturados de maneira a oferecer uma formação profissional que vá além do simples “jogar bola”. Talvez a falta de informação seja um fator que limite a compreensão do que implica ser professor, e acaba propagando comportamentos e olhares equivocados sobre o profissional.

É inadmissível que um professor de Educação Física continue a ser visto pelos professores das outras disciplinas, e pela própria sociedade, como ‘uma massa composta por músculos, mas com o cérebro do tamanho de um amendoim’. É inaceitável, por exemplo, que toda vez que haja necessidade de arrastar mesas, armários ou carteiras na escola, que a primeira pessoa que o diretor(a) se lembre de pedir ajuda seja ao professor de Educação Física (BARBOSA, 2005, p. 50).

A fala deste autor acaba explicitando certa indignação quando se caracteriza o

professor de Educação Física como se fosse o único que realmente tem corpo, e por isso pode auxiliar em atividades que requerem força, movimentação, gasto energético. Assim, uma postura crítica do próprio profissional é necessária, na medida em que através de seu discurso, de suas práticas cotidianas, de sua atuação, busque legitimar a Educação Física como área que constrói e reconstrói conhecimento através da e pela pesquisa (DEMO, 2005).

Ainda tratando do mesmo foco de investigação, obtivemos respostas que apontavam para uma desvalorização da função professor, e não apenas da área específica.

Com relação às questões corporais não sofri nenhum preconceito, mas sim com relação a ser professor na escola. (Acadêmica 4).
[...] Pude perceber durante estes anos que o preconceito é mais voltado ao professor de educação física, quando se comenta que pretende ser ‘personal trainer ou treinador físico’, a situação e a reação das pessoas muda, ou seja, penso que a profissão na escola parece ter perdido a importância [...] (Acadêmica 6).

Essa questão abrange uma situação que não se restringe à Educação Física, mas contempla um processo de precarização da profissão docente de maneira generalizada no país. Sousa e Jacomeli (2005), através de consulta a bibliografias que tratam desta temática, apontam questões que perpassam não apenas pelos fatores do trabalho (como o salário), como também pela constituição de alguns projetos. A valorização de trabalhos como dos “Amigos da Escola”, que tem como princípio o fato de que qualquer pessoa, com boa vontade, pode participar do processo escolar, inclusive dando aulas, acaba fazendo com que aqueles que deveriam se comprometer com as questões do ensino passem a sua responsabilidade para outros. Trazendo essa discussão para o campo da Educação Física, nos deparamos com a seguinte situação:

Na proporção em que a Educação Física parece não atuar para a formação de competências, não se torna central na escola, sob o ponto de vista imediato, como historicamente se colocou. Evidências dessa afirmação se confirmam em vários estudos sobre o descaso que a Educação Física tem sofrido no interior da escola, como também sobre a legislação a ela pertinente, como a sua dúvida obrigatoriedade, quando da formulação da Lei nº 9.394/96 (nova LDB), agora retificada, e a desobrigatoriedade no ensino noturno (FIGUEIREDO, 2005, p. 23).

Desta forma, por meio da dualidade existente na área, entre licenciatura e bacharelado, os acadêmicos em processo de formação inicial acabam tendo um descontentamento quando vão para o ambiente escolar, quer seja por aquilo que viveram enquanto alunos, quer seja por

conhecerem alguns aspectos da realidade enfrentada pelos professores.

Em relação a questão 5 (Como professora de Educação Física, sendo habilitada para "cuidar do corpo", sente de alguma forma a cobrança da sociedade civil em relação a sua condição física? Comente) procuramos analisar como as acadêmicas percebem as cobranças com seu corpo, enquanto constituição física em sua área de formação. Duas delas afirmaram não sentirem cobranças em relação ao seu corpo por parte da sociedade civil, sendo que uma apontou o seguinte: “*Não sinto da sociedade, mas me policio a cuidar o corpo* (Acadêmica 8).” As outras seis participantes responderam da seguinte maneira.

Certamente, a sociedade atribuiu ao professor de Educação Física um padrão corporal, tornando este um modelo de corpo perfeito a ser seguido pelos demais. E a sociedade não perdoa, você tem que ter um corpo ideal para ser coerente com sua profissão. (Acadêmica 2)

Sinto a cobrança que como professora de Educação Física tem que ter corpo perfeito e uma vida 100% saudável. (Acadêmica 3).

A sociedade cobra, pois eles vêem na profissional uma pessoa em que eles possam se espelhar. (Acadêmica 4).

Há muita discriminação com relação aos profissionais que estão “fora de forma”. (Acadêmica 5).

Sim, percebo duas formas de cobrança em relação ao assunto:

1ª Auto-cobrança, penso que, se estou ensinando as pessoas a terem bons hábitos de vida, eu como profissional também preciso tê-los.

2ª A sociedade em geral entende que o corpo saudável é o corpo escultural e belo, padronizado pela mídia. Neste aspecto, as pessoas se admiram quando o(a) professor(a) de educação física não apresenta este “corpo belo”. Já ouvi muitos comentários como, por exemplo: O bom de cursar Educação Física é que você sempre vai ter um “corpinho sarado”, entre outros (Acadêmica 6).

O professor de Educação Física, seja homem ou mulher, tem sempre que estar bem. Nossa profissão é muito associada à saúde. Por estar muito ligada à preparação física, não sinto muitas cobranças (ainda), mas já ouvi comentários terríveis sobre outros colegas não tão zelosos com a forma física. Por entender dos benefícios dos exercícios físicos, eu é que me cobro, como pessoa. (Acadêmica 7).

O que podemos observar através das respostas coletadas, num primeiro momento, é a influência de uma Educação Física higienista, pautada num discurso de saúde, onde elas devem representar no corpo os conhecimentos específicos da área de formação profissional. Percebemos a preocupação pessoal com sua condição física (*me policio a cuidar o corpo* - Acadêmica 8). Mas num segundo momento, este relato se aproxima do pensamento de Foucault.

O “policiar” nos remete a controle, a dominação. O “policiamento” estimula o indivíduo a procurar alcançar o melhor que podem fazer de suas vidas em vários campos: no trabalho, em sua aparência, em suas relações familiares e com os amigos, estando tudo isso

relacionado com valores morais que remetem a uma vasta gama de sentimentos, relativos a outros, mas em especial, a nós mesmos. Mais do que uma projeção externa sobre nós, é uma projeção nossa em nós mesmos. Desta forma, tornar-se objeto de conhecimento de si próprio é central para que façamos nossas escolhas (MENDES, 2006).

Através da questão 6 (Acredita que seu corpo possa influenciar de alguma maneira na opinião que as pessoas têm de sua competência profissional? Comente.) procuramos identificar se as acadêmicas percebem na fala das pessoas que convivem, uma aproximação entre questões relativas à saúde e estética, quando se pensa em um professor de Educação Física competente, ou seja, que ele tenha um certo comprometimento entre aquilo que aparece no seu discurso e o que faz. Três respostas apontaram que a própria imagem corporal não influencia na competência profissional, enquanto que, cinco afirmaram que existe relação no sentido de pensar que sua imagem interfere na ideia que se tem sobre sua competência profissional.

Trazemos essa mesma relação entre competência profissional e corpo na questão 7 (Você pensa que a sua condição física é uma maneira de demonstrar sua qualidade profissional? Por quê?). Neste caso, a maioria das respostas (sete delas) foi negativa, onde ocorreram falas como:

Não, a minha qualidade profissional não se resume ao meu físico, mas sim ao meu conhecimento, a minha atuação profissional, embora a sociedade não releve isso (Acadêmica 2).

Não que necessariamente demonstra minha qualidade profissional, mas vai influenciar para que as pessoas tenham em quem se espelhar (Acadêmica 4).

O que podemos constatar nas questões 6 e 7, são os discursos que negam a relação entre corpo e competência, e essas falas estão pautadas numa perspectiva repleta de preocupação com a saúde que se reflete no caráter estético, embasadas numa visão biologicista de corpo. A utilização de termos como: condicionamento, “boa” forma física, corpo atlético, emergem nas respostas não apenas por serem conceitos utilizados na Educação Física, mas também pela influência de um processo historicamente construído, que está pautado no resultado, na aptidão física, na repetição mecânica. Segundo Mendes (2006, p. 176) os discursos promovidos sobre a saúde e as estratégias “necessárias” para manter o corpo saudável “não fumar; não comer em excesso para não engordar, ou muito pouco para evitar a bulimia; não ingerir bebida alcoólica em altas doses; não exagerar no colesterol; fazer atividades físicas regularmente” são vendidas de forma que se busca exercer um controle

sobre os sujeitos, através de técnicas bem estruturadas e articuladas.

Na questão 8 (Se você atua no espaço escolar, já vivenciou alguma situação que seja relevante relatar, quer seja em relação a vestimenta diferenciada pelos professores de Educação Física, quer seja em relação a seu corpo?), buscou-se identificar se as acadêmicas percebem que algumas das características peculiares da profissão, como a utilização de roupas específicas para a prática de exercícios, fizeram com que tenham vivido em algum momento de sua trajetória profissional (ou durante o estágio) situações onde tenham ocorrido discriminação por se diferenciarem dos demais professores. Obtivemos apenas uma resposta afirmativa, sendo que as outras sete relataram não terem vivenciado nenhuma ocasião semelhante, por terem apenas estagiado na escola.

Sobre a questão 9 (Como mulher, sente preconceito na área de atuação profissional, visto que foi iniciada pelos homens? Justifique) procuramos saber se as participantes da pesquisa identificam alguma forma de distinção em relação aos demais professores por ocuparem um espaço que foi historicamente de predomínio masculino no início de sua inserção no espaço escolar. As respostas foram diversas em suas justificativas, pois percebemos que três acadêmicas responderam não identificar essa postura por ainda não atuarem no espaço escolar, e duas afirmam não pensar desta forma, pois acreditam na competência das professoras e que “a mulher nessa área de atuação pode conseguir um espaço maior que o homem” (Acadêmica 4). As outras respostas foram as seguintes:

Esse problema não se restringe à Educação Física, todos os setores da sociedade privilegiam o homem, na nossa área não é diferente (Acadêmica 2).

Com relação a atuar em sala não, já em academias pelo menos antes dava para perceber que a preferência era por homens (Acadêmica 5).

Concluindo as análises, deixamos o alerta para os profissionais da área utilizando as contribuições de Lima e Dinis (2007), apontando que uma Educação Física que não reflete sobre suas práticas e seu papel na formação de seus alunos, através de seu silêncio, de uma postura de neutralidade, poderá colaborar para a formação dos estereótipos de homem e mulher, ajudando na formação de uma consciência coletiva de que ser homem e ser mulher atende a determinados padrões e regras normatizadas de conduta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que as respostas indicam que as acadêmicas investigadas já vivenciaram situações em que houve uma desvalorização da Educação Física, pois os aspectos ligados ao corpo ainda refletem a dualidade presente entre corpo e mente, atribuindo ao segundo elemento lugar de centralidade nesta relação. Segundo Bracht (1999) o conhecimento fundamentador da Educação Física foi predominantemente das ciências naturais, principalmente vindas da biologia e suas vertentes. Deste modo é gerada toda uma compreensão de que as pessoas que cursam Educação Física não precisam pensar, mas saber fazer.

Portanto, por meio da pesquisa e produção de conhecimento existe a possibilidade de rediscutir as relações dicotômicas da Educação Física, pois as relações de poder também produzem mecanismos de resistência. “O sujeito pode, pela confissão ‘completa e verdadeira’, usar as técnicas de poder contra quem as está exercendo (‘contra’ os pais, o professor, o médico, o juiz, o *expert*)” (MENDES, 2006).

Desta forma, existem possibilidades de escolher não aceitar discursos que desvalorizam a Educação Física, ou que acreditam que os professores desta área sejam apenas sujeitos do “fazer e executar”. A nossa “prática pedagógica” (BRACHT, 2003) desmitifica o sentido da lógica dualista corpo/mente, licenciatura/bacharelado, saúde/doença, quando passa pela formação transdisciplinar e sempre continuada (MORIN, 2000), bem como quando os(as) professores(as) de educação física e a universidade (escola) estão abertos a novas ideias e percebem que o conhecimento e a cultura estão em estado inacabado e aberto a novas perspectivas, como afirma Serres (1993, p. 23): “aprender provoca errância”.

PHYSICAL EDUCATION AND THE FEMALE BODY: AN ANALYSIS USING FOUCAULT'S THEORY

ABSTRACT

This paper investigates how academic nearing completion of undergraduate physical education UNIPLAC perceive the relationship between his body in the professional area. The theoretical foundation is based on Michel Foucault, trying to relate the author's thoughts on the existence of power relations in the spheres of social life with your body in physical education. For data collection questionnaire was applied, using content analysis to discuss the results. We observed the influence of Cartesian thinking in design that has Physical Education, pointing to a certain devaluation of bodily issues.

KEYWORDS: Body; physical education; power; professional performance.

EDUCAÇÃO FÍSICA Y EL CUERPO FEMENINO: UN ANÁLISIS UTILIZANDO LA TEORÍA DE FOUCAULT

RESUMEN

En este trabajo se investiga cómo las académicas en finalización de la graduación en Educación Física perciben la relación entre su cuerpo en el área profesional. El fundamento teórico se basa en Michel Foucault, tratando de relacionar pensamientos del autor sobre la existencia de relaciones de poder en las esferas de la vida social con el cuerpo en la Educación Física. Para la recogida de datos se aplicó el cuestionario, mediante el análisis de contenido para discutir los resultados. Se observó la influencia del pensamiento cartesiano en el diseño que se tiene de la Educación Física, que apunta a una devaluación de cuestiones físicas.

PALABRAS CLAVES: Cuerpo, educación física, poder; actuación profesional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, C. L. de. A. *Educação física e filosofia: a relação necessária*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 70. ed. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: 2002.
- BORRAIGNE, S. de. O. F. et al. Educação Física: preconceitos acerca do papel da disciplina no contexto escolar. *Revista Digital - Buenos Aires*, Ano, 15, nº 143, Abril 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 23 fev. 2011.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.
- _____. *Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- BRUNHS, H. (org.). *Conversando sobre o corpo*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 2003.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. *Métodos de pesquisa em administração*. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. 7. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.
- FIGUEIREDO, Z. C. C. (Org.). *Formação profissional em educação física e mundo do trabalho*. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.
- FERREIRA, M. E.; CASTRO, A. P. A. de.; GOMES, G. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 27, n. 1, p. 167-182, set. 2005.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Microfísica do poder*. 21.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- MOREIRA, W. W. *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas: Papyrus, 2003.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- HANSEN, R.; VAZ, A. F. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, set. 2004.
- KUNZ, E. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí: Unijuí, 1998.

- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas Ltda, 2001.
- LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n. 1, p. 243-252, Jan/Jun 2007.
- MARQUES, Mário Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.
- MEYER, D.; SOARES, R. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANT'ANNA, D. B. de. *Políticas do corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SERRES, M. *O terceiro instruído*. Portugal: Instituto Piaget, 1993.
- SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade*. Campinas, Autores Associados, Florianópolis: USFC, 2001.
- SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (orgs.). *Práticas Corporais: Gênese de um movimento investigativo em Educação Física*. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005.
- SILVA, M. C. de P. *Do corpo objeto ao sujeito histórico*. EDUFBA: Salvador, 2009.
- SOARES, C. L. (org.). *Corpo e história*. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- SOUSA, A. de.; JACOMELI, M. R. M. A desvalorização do papel do professor na sociedade: uma análise do trabalho docente e de suas condições salariais. 05 maio 2005. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada5/TRABALHOS/GT7_F_PROFESSORES/1/701.PDF. Acesso em: 10 jan. 2013.
- STOER, S. R. *Os lugares da exclusão social: um dispositivo de diferenciação pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2004.
- TAFFAREL, C. et al. *Metodologia do ensino de educação física*. 9. reimp. São Paulo: Cortez & Moraes, 2003.